

ENTARDECER

Luca Trabucco,¹ Gênova

luca.trabucco@spiweb.it

Resumo

O autor, pela narrativa pessoal que teve início com o conhecimento da artista Jane McAdam Freud, neta de Freud, examina a relação do ser humano com o envelhecimento. Este processo inevitavelmente nos confronta com a realidade do limite extremo da existência. Com base nos escritos freudianos sobre a transitoriedade, o autor reflete sobre a importância de cuidar das memórias e das relações internas, permitindo que o cuidado com nossas raízes se torne a base para os que virão.

Palavras-chave: transitoriedade, memória, objetos internos; processo criativo

Evening

Abstract: Through the personal journey of a reflection stemming from the knowledge of the artist Jane McAdam Freud, Sigmund Freud's great-granddaughter, the relationship of the human being with aging, which inexorably brings in contact with the harsh reality of life's ultimate limit, is reexamined by the author based on Freud's writings on transience. This reflection underscores the centrality of the necessity for nurturing memories and internal relationships, as the care of one's own roots allows them to become the foundation upon which those who come after us can build.

Keywords: transience, memory, internal objects, creative process

Em um de seus escritos, na minha opinião um dos mais vibrantes em vida e pensamento, Freud (1915/1975a) se detém para considerar a preciosidade da vida em função de seu oposto, sua aleatoriedade e sua infabilidade. Gostaria de retomar alguns aspectos desse escrito para desenvolver meu pensamento. A revolta contra a precariedade da vida acontece em função de um “desejo de eternidade”, na necessidade de que os fatos da vida “devem conseguir perdurar, escapando de qualquer força destrutiva” (p. 173).

Freud escreve ainda: “O valor de toda essa beleza e perfeição é determinado apenas pelo seu significado para nossa sensibilidade viva, não precisa sobreviver a elas e, por isso, é independente da duração temporal absoluta” (1915/1975a, p. 174).

Tento repropor o escrito de Freud: *Não faz muito tempo, dei um passeio pela minha cidade e encontrei um amigo melancólico, na companhia*

1 Psiquiatra, psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Autor de diversos livros e artigos sobre psicanálise. Supervisor e terapeuta de uma comunidade para adolescentes psicóticos.

de uma encantadora senhora. Abracei o amigo e apertei calorosamente a mão da nova conhecida. À beira-mar, que estávamos percorrendo, havia um espetáculo de um pôr do sol de inverno fantasmagórico sobre um mar levemente ondulado e sobre as distantes montanhas nevadas. Ao contemplar tal cena, lamentei com meu amigo por não ter minha câmera comigo para capturar tanta beleza, e meu amigo comentou: “De qualquer forma, em poucos minutos tudo acabará, e uma foto não permitirá que você realmente detenha o que está destinado a desaparecer”.

O valor da caducidade é um valor raro no tempo. A limitação da possibilidade de desfrute aumenta seu mérito. Era incompreensível, eu disse, que o pensamento da caducidade do belo devesse perturbar nossa alegria com relação a ele. Quanto à beleza da natureza, ela retorna após a destruição do inverno, no ano novo, e esse retorno, em relação à duração de nossa vida, pode-se chamar de retorno eterno (Freud, 1915/1975a, p. 174).

Mas meu amigo, diante da expressão “retorno eterno”, ficou desanimado. “Nunca será eterno”, ele disse, “e mesmo que fosse, eu não poderia vê-lo. O tempo da minha vida não será suficiente para encontrar o pôr do sol perfeito e, de qualquer forma, após o pôr do sol, haverá a noite, e então...”

Meu amigo não conseguia tolerar que o pôr do sol, nesse caso, não fosse o “pôr do sol”. Sua constante percepção do que falta à realidade em relação a alguma forma ideal do que ele encontra não lhe permitia apreciar o que era oferecido em sua própria experiência. Seu desfrutar da realidade deveria ser infinito e eterno, imediato e sem ser perturbado. O limite que ele poderia encontrar, e que inevitavelmente encontrava, fazia com que ele se virasse para o outro lado, preferisse não ver, a ser perturbado pela falta de algo.



Pôr do sol em Genova

O belo, o valor, são bens eternos “enquanto duram”, como Paulo Cesar Sandler (2023b) frequentemente lembra, o enigma contido no fato de que nossa experiência do pôr do sol é, ao mesmo tempo, eterna e momentânea, total e particular, a perda está indissolavelmente ligada à presença. O que vemos é visível aos nossos olhos, mas o que realmente percebemos não é; o que desaparece de nossa vista permanece em outro lugar, invisível e intangível, imaterial, mas real. O que é material se torna imaterial.

Dessa forma, nossos relacionamentos fundamentais se transformam inexoravelmente de materiais em imateriais, e nós mesmos nos projetamos como presenças imateriais na memória daqueles que ficarão após nós, eternos enquanto duramos.

Acredito que um dos muitos aspectos que o envelhecimento nos apresenta é justamente a contínua elaboração interna das relações “imateriais” que carregamos dentro de nós, para não perder sua “companhia” e, ao mesmo tempo, elaborar nossa relação com a presença “imaterial” que seremos, o que de nós sobreviverá naqueles que permanecem.

Neste contexto, gostaria de usar para ilustrar esses meus pensamentos a história da minha amizade com Jane McAdam Freud (Londres, 1958-2022) e da interseção entre suas experiências pessoais e a oportunidade que tive de dialogar com ela a respeito.

Na exposição “Cuidando”, de Jane McAdam Freud (Andorra, 5/1/2013), tive a oportunidade de fortalecer meu conhecimento com ela, que começou no congresso “Idade e Criatividade” (Lucca, 5 a 6/10/2012). O encontro foi uma fonte de emoção especial para mim, como psicanalista. Jane, durante o almoço no dia seguinte à sua comovente apresentação “As últimas pernas de Lucian Freud”, em que compartilhava sua profunda relação com o pai, contou-me o sonho que teve naquela noite. Não é uma experiência comum ouvir o sonho da bisneta de Freud, pensei. Eu estava sendo tocado por uma atmosfera transgeracional: atrás dela, uma sombra benevolente, a do seu e, de certa forma, meu bisavô. Devido à amável personalidade de Jane foi emocionante me encontrar diante de um sonho que parecia envolver também “Ele”, o pai da interpretação dos sonhos.

Essa minha sugestão se revelou mais fundamentada do que eu pensava naquele momento. “Cuidar” para Jane significa recuperar os profundos laços familiares e cuidar das memórias.

Jane é filha de Lucian Freud, neta de Ernst, o quinto filho do bisavô Sigmund. Lucian foi um grande pintor, nascido em Berlim em 1922 e falecido em Londres em 2011, segundo filho de Ernst, recebeu do famoso avô, aos 16

anos, o livro *História do Egito*, de J. H. Breasted (1906), na tradução alemã de 1936 (Grieg, 2013). Parece que herança do avô teve uma profunda influência: o livro “egípcio” aparece na obra de Lucian e na iconografia relacionada a ele. O legado de Sigmund sempre esteve presente no estúdio do pintor, uma famosa foto o retrata diante do *Geschichte Aegyptens*. Na época, ele frequentava as melhores escolas de arte em Londres e era visto como uma promessa da arte contemporânea. O desejo de seu pai, Ernst, de se tornar um pintor foi realizado, embora fosse a mãe, Lucie Brasch, quem parecia investir muito em seu filho. Era a mãe que constantemente pedia a Lucian para dar-lhe aulas de desenho.

Em Andorra havia muitos desenhos a lápis das peças da coleção de arte antiga de Sigmund. Jane McAdam Freud não “lê” a coleção de esculturas de seu bisavô como “esculturas colecionadas por Sigmund Freud”, mas como “esculturas de Sigmund Freud”, encontrando nessa matriz uma raiz familiar para sua paixão pela escultura: “Isso por si só estimula minha curiosidade e forja um vínculo estreito” (2006). Jane nos diz que ao copiar esses objetos, ela encontra motivos de semelhança com sua própria escultura. “Uma questão de coincidências ou o surgimento de possíveis instintos genéticos desconhecidos?” (2006, p. 78).



Jane McAdam Freud, Sigmund Marbles, Dad Drawing,
dupla de desenhos, 2012, exposição Three Generations, Galleria
Whitelabs, Milano, 2012.

“Meu objetivo [diz respeito a uma exposição no Museu Freud] é mostrar, por meio da comparação, as conexões estéticas e esculturais que atravessaram a atividade de colecionar artefatos antigos e esculpir” (2006, p. 78). Jane vê Sigmund como um precursor dos artistas modernos e de suas “instalações”: a forma como ele dispôs várias estatuetas em sua mesa seguia um desenho significativo, de modo que cada uma delas estivesse no centro do campo de visão do observador – ele mesmo – e com sua disposição representassem referências significativas tanto culturais quanto emocionais. Para Bolognini a

disposição dos objetos por Freud era sempre ponderada e conceitual, o autor observa como os objetos antigos de Freud em seu estúdio eram “Um mundo constituído de objetos internos/externos, portanto, fonte ao mesmo tempo de conforto e inspiração em uma área ilusória intermediária potencialmente criativa” (2008, p. 15).

Na turbulenta história de Lucian, um homem inquieto que não conseguia estabelecer qualquer relação com alguma estabilidade (teve “cerca de” 14 filhos), no entanto, pode-se encontrar um elemento de invariância, talvez exatamente nessa constante referência a uma “herança” que profundamente influenciou sua obra artística. Bacon, que era seu amigo, dizia que ele era um pintor “realista”, pois representava “realisticamente” o que estava além do rosto de seus personagens.

A filha Jane faz algo semelhante, *Taking care*, cuidando, dentro de si, de suas raízes, desde o bisavô, ao avô, ao pai.

A capacidade de cuidar é um elemento fundamental do crescimento: na cisão (Bion, 1977), no espaço entre o Eu e o outro (Winnicott, 1967/1974), ocorrem essas trocas criativas nas quais, como Winnicott afirma, ocorre um crescimento autêntico, no qual o cuidado com o objeto corresponde ao cuidado consigo mesmo. “A ação mútua entre originalidade e aceitação da tradição como base da inventividade me parece ser outro exemplo, de fato, muito fascinante, da ação mútua entre separação e união” (1967/1974, p. 171).

A relação entre Jane e o pai foi marcada por uma ausência prolongada, Lucian se autoproclamava com ela como “o melhor dos pais ausentes”. Eles se reuniram em 1990-1991 quando esse reencontro, e esse profundo “olhar” se materializou ao posarem um para o outro por oito meses e, desde então, representou a necessidade de preencher a lacuna de ausência que ocorreu quando Jane tinha 8 anos, com a separação dos pais e os 20 anos de “desaparecimento” do pai.

A morte de Lucian Freud em julho de 2011 foi um marco na vida de Jane. Assim como para Sigmund, a morte do pai se tornou uma experiência que levou a um processamento criativo, culminando no trabalho autoanalítico “A interpretação dos sonhos”, para Jane essa experiência assumiu o papel de uma reavaliação de toda a sua história, também transgeracional, de um luto que teve que passar pela perda anterior do pai nos 20 anos de sua ausência.

Essa capacidade de cuidar da relação entre o Eu e o Outro por parte de Jane é elaborada um de seus escritos, apresentado em 17 de maio de 2014 no 6º Simpósio Internacional de Psicanálise e Arte em Florença, no qual eu fui seu comentarista.

Jane observa como as funcionalidades em seu próprio trabalho artístico estão em ação. Simplificação e condensação, próprias do trabalho do sonho, são ferramentas que permitem a sublimação.

O conceito de sublimação, desvio da meta pulsional em Freud, foi profundamente revisado no desenvolvimento do pensamento psicanalítico. Farei referência em particular aqui a M. Spira. Para essa autora, o trabalho que se realiza “sublimando” tem qualidades que nos fazem pensar na concepção do sonho de W. Bion.

Para Spira, “a sublimação é o resultado da integração de fragmentos sensoriais-afetivos que se amalgamam por meio de um processamento que lhes dá a forma do desejo ativo (dar vida a...)” (1986). Essa amalgamação permite que o self enriqueça e combata a sensação de dispersão (pulsão de morte) causada por uma sensorialidade carente de pensamento.

A memória, a tradição que herdamos de nossos pais, pode representar esse conjunto de estímulos infinitos e contraditórios que necessitam do trabalho do sonho/artístico para serem organizados em uma representação que “dê vida a...”.

No processo criativo, assim como no sonho, o caminho da experiência subjetiva, que também envolve as “memórias”, não vai do inconsciente para o consciente, mas torna o consciente inconsciente, ou seja, torna a experiência consciente vivida disponível para os processos de pensamento mais ricos próprios do trabalho psicológico inconsciente (Sandler, 2009).

O processo de construção da própria identidade passa, inevitavelmente, por uma contínua reelaboração das memórias. Sabemos que o trabalho da memória nunca está completo (Green, 2000), pois a *Nachträglichkeit* está sempre operando. Cada “memória” nunca é lembrada de uma vez por todas.

O “molde” de nossos relacionamentos primários, a bagagem da herança que esses relacionamentos deixam em nosso mundo interno, é a estrutura básica de nosso crescimento mental. Crescer com base na tradição, como nos lembra Winnicott (1967/1974).

No caso de Jane, em que a tradição é marcada pela presença de dois ancestrais de grande “peso”: Sigmund, o bisavô, e Lucian, o pai, parece-me um caso em que é evidente a tensão “entre influência e originalidade” que está na base da situação edípica, como foi definida por Loewald: “À medida que os pais foram transformados pelo processo de internalização, os pais contribuíram para a criação de um filho que é capaz de ser e se tornar diferente deles”. É em função desse trabalho de internalização e transformação que o “molde” se torna uma estrutura relacional de apoio.

Mo[u]ld (do Webster's new world Dictionary): 1) *A pattern, hollow form, or matrix for giving a certain shape or form to something in a plastic or molten state* [Um padrão, forma oca ou matriz para dar uma certa forma a algo em um estado plástico ou fundido]; 2) *a downy or furry growth on the surface of organic matter, fused by fungi, especially in the presence of dampness or decay* [um crescimento lanoso ou peludo na superfície de matéria orgânica, fundido por fungos, especialmente na presença de umidade ou decomposição]; 3) *loose, soft, easily worked soil... good for growing plants* [solo solto, macio e facilmente trabalhado... bom para o cultivo de plantas].

Essa tripla forma deriva do significado do termo *mould*, que parece conter uma história: dentro da matriz de nossa memória, de nossos relacionamentos básicos, que nos moldam e nos sustentam, podem se desenvolver diferentes destinos, dependendo da capacidade que podemos desenvolver de interagir com ela.

Se nós permanecermos apenas dentro desse “molde”, sem interagir criativamente com ele, então nossa identidade ficará “mofada”, e o molde com ela. No caso de uma relação criativa, o molde em si se tornará um solo fértil e nutritivo para o crescimento de nossa “planta” identitária. Isso pode ser especialmente verdadeiro para nós psicanalistas quando permanecemos muito subjugados a uma “escola”, fiéis aos pais de maneira intransigente, o que, em vez de apoiar o desenvolvimento do pensamento, o sufoca e destrói a criatividade pessoal. Talvez certas manifestações “iconoclastas” na história do movimento psicanalítico possam encontrar aqui suas razões, como uma reação a uma excessiva submissão aos “pais” (Sandler, 2023a).

De outra forma, o “molde” é um testemunho de uma “presença ausente”. O “molde” é a forma do ausente. Como diz Jane: “Canalizei o mistério da presença ausente no preenchimento do molde, como é necessário para o processo de fundição da escultura” (2014). A ausência do objeto é o que promove o desenvolvimento do pensamento e da simbolização, e, portanto, dos processos criativos.

Jane posiciona o cuidado com as memórias no centro de seu trabalho artístico e, portanto, com os relacionamentos que fundamentam o self. O trabalho de memória que Jane realiza tem a característica de estar profundamente impregnado pelo sentido do tempo. As raízes que ela está reconstruindo nos contínuos vínculos entre o agora e o então nunca tendem a uma negação do tempo, ou mais radicalmente a uma aniquilação do tempo (Green, 2000; Sandler, 2011), mas sim a uma contínua ressignificação e desenvolvimento das memórias, que em si mesmas se apresentam como conteúdos a serem reelaborados (elementos β) e que podem encontrar diferentes possibilidades de

expressão, desenvolvimento e novas compreensões, indo em direção àquela dimensão que é representada pela reconciliação com o recalçado, como escreve Freud (1914/1975b), ou seja, em direção ao perdão (Ricoeur, 1998/2004). A memória, em sua forma completa, não é um fetiche – expressões não de “trabalho”, mas de compulsão à repetição – que garante uma separação angustiante e desestruturante, mas contém a consciência da perda sofrida e sua resolução simbólica no mundo interno.

A memória que não consegue encontrar uma elaboração significativa permanece estranha ao sentido do tempo que, ao contrário, aceito, poderia direcioná-la para uma experiência de “ter sido”, em função de diferentes possíveis derivações elaborativas.

A reconciliação não pode ocorrer pelo recalque; reconciliar-se implica, como Freud já observava, um trabalho de confronto, até mesmo uma “guerra”, de qualquer maneira, um percurso cansativo, mas que pode permitir não a aniquilação da experiência, mas a recuperação do que pode ser integrado no contexto do self.

Essa ressignificação, uma passagem sempre renovada no espaço mental/onírico das memórias, concretiza-se em uma narrativa que, para ser possível, deve abrir mão de partes mais ou menos extensas delas. A narrativa deve selecionar as memórias, salvar algumas e sacrificar outras, mais ou menos definitivamente, para tornar o pensamento possível. Lembrar-se ocorre com a necessária privação de uma quantidade significativa de dados: retirar elementos para tornar possível uma narrativa adiciona um elemento fundamental ao conjunto: o sentido. O espaço deixado pelo esquecimento também fornece o espaço em que é possível recombinar as memórias em conjuntos de sentido sempre novos (efeito caleidoscópico da memória).

A criatividade que decorre desse trabalho constante é algo que, no caso da obra de arte, como G. Magherini (2007) nos indicou claramente, não envolve apenas o artista, mas também o espectador. Jane observa: “O espectador verá o que está dentro dela, ou dele” (2006, p. 75). Isso é certamente verdade. Mas também é verdade que os processos criativos são compartilháveis, pois a obra do artista evoca emoções básicas do ser humano, adaptadas de acordo com os diferentes conteúdos da experiência, mas que dizem respeito ao que Money Kyrle chamou de “os três eventos fundamentais da vida” (1971/1985, p. 642), que são os três mistérios dos quais essencialmente emerge e ao redor dos quais gira nosso pensamento: o mistério do nascimento, o mistério da criatividade dos pais, o mistério da morte. As Invariantes na base de qualquer Transformação (Bion, 1965).

São fatos que podemos razoavelmente considerar como os “moldes” sobre os quais o nosso pensamento opera em busca inesgotável de construção do pensamento.

Penso que isso pode ser, além de uma lembrança de Jane, que nos deixou precocemente, um exemplo de como o crescimento mental pode tornar a aguda percepção da transitoriedade não apenas algo suportável, mas, como Freud explicita, um aspecto que valoriza nossa existência. Ao cuidarmos das nossas raízes, sustentamos a nós mesmos no nosso crescimento e, por sua vez, nos tornamos “raízes” nas quais aqueles que ficam depois de nós podem se apoiar.

Referências

- Bion, W. R. (1965). *Trasformazioni*. Armando.
- Bion, W. R. (1977). Cesura. In W. R. Bion, *Il cambiamento catastrofico*. Loescher.
- Bolognini, S. (2008). *Passaggi segreti*. Bollati Boringhieri.
- Freud, S. (1975a). Caducità. In S. Freud, *Opere di Sigmund Freud* (C. Musatti, Trad., Vol. 8, pp. 227-232). Boringhieri. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1975b). Ricordare, ripetere e rielaborare. In S. Freud, *Opere di Sigmund Freud* (C. Musatti, Trad., Vol. 7, pp. 353-361). Boringhieri. (Trabalho original publicado em 1914)
- Green, A. (2000). *Il tempo in frantumi*. Borla.
- Grieg, G. (2013). *A colazione con Lucian Freud*. Mondadori.
- Loewald, H. (1979). The waning of the Oedipus complex. In H. Loewald, *Papers on Psychoanalysis*. Yale University Press.
- Magherini, G. (2007). *Mi sono innamorato di una statua*. Nicomp.
- McAdam Freud, J. (2006). *Relative Relations*. J. McAdam Freud Ed.
- McAdam Freud, J. (2012). *Le ultime gambe di Lucian Freud*. Letto al convegno: Età e creatività, Fondazione Mario Tobino e Intern. Assn. Art and Psychology.
- McAdam Freud, J. (2014). *In the Mould of the Fathers – Objects of Sculpture, Subjects of Legacy*. Seguito dalla “Discussione” di Luca Trabucco. Retrieved from <http://www.psicoart.unibo.it/4-2014/1.htm>
- Money Kyrle, R. (1985). Lo scopo della psicoanalisi. In R. Money-Kyrle, *Scritti 1927-1977*. Loescher. (Trabalho original publicado em 1971)
- Ricoeur, P. (2004). *Ricordare, dimenticare, perdonare*. Il Mulino. (Trabalho original publicado em 1998)
- Sandler, P. C. (2009). *The clinical application of Bion's concepts: Dreaming, transformation, containment and change*. Routledge.
- Sandler, P. C. (2011). Sobre a transitoriedade: a seta do tempo. *Jornal de Psicanálise*, 44(81), 51-65.
- Sandler, P. C. (2023a). *A diferença entre meritocracia técnica e política*. 15º Jornada Bion, São Paulo.
- Sandler, P. C. (2023b). *Formulazione della psicoanalisi*. Alpes.
- Spira, M. (1986). *Creatività e libertà psichica*. Borla.
- Trabucco, L. (2014). Le famiglie di Freud. Jane McAdam Freud e gli analisti di oggi: discendenza tra libertà psichica e “lealtà.” <http://web.tiscali.it/sheerazade/trabucco.htm> – <http://web.tiscali.it/sheerazade/trabuccoPARTE2.htm>
- Winnicott, D. W. (1974). La sede dell’esperienza culturale. In D. W. Winnicott, *Gioco e realtà*. Armando. (Trabalho original publicado em 1967)

Tradução de Edoarda Anna Giuditta Paron

Revisão técnica de Anne Lise Di Moisés Sandoval Silveira Scappaticci

